

The background of the cover is a painting. It features a central skull, possibly of a bovine or similar animal, rendered in shades of grey and white. The skull is set against a bright yellow background. Surrounding the skull are dark, swirling, organic shapes in black and dark green, which appear to be part of the painting's composition. The overall style is expressive and somewhat abstract.

António J M Cardoso

OITO dias

na vida de um professor

OITO DIAS NA VIDA DE UM PROFESSOR

António J M Cardoso

2001

(Revisto pelo autor em 2020)

Domingo

A bola rola por entre os restos de cascalho e o alcatrão... Já não projecta qualquer sombra nesse seu rolar desesperado, pois o sol há já algum tempo desapareceu no horizonte.

Devolvo a bola com uma calma calculada, e digo a medo:

Já são horas, é melhor irmos para dentro, o pai tem de ir para Lisboa.

Quando as palavras o atingem, vira as costas, cruza os braços e baixa a cabeça num amuo mudo. A bola passa-lhe ao lado e vai embater no muro, mais à frente.

Faço mais uma tentativa e tento argumentar:

Mas tu sabes que o pai, ao Domingo à noite, tem de ir para Lisboa.

É escusado, ele não percebe a lógica dessa necessidade.

A bola perdeu o interesse e, por fim, quebra o silêncio choramingando:

Porque é que tens de ir para Lisboa? Não podes cá ficar?

Sinto o meu coração completamente perdido, aproximo-me, ajoelho-me e retribuo sem muita convicção:

Zé... Tu sabes que é preciso...

Ele saber, sabe. Mas o que os seus sete anos não entendem é mesmo o porquê.

Por vezes até nem eu...

Faltam as palavras. O momento é tão pesado que chega a doer. Então, ele vira-se devagar e, com a resignação que vem da sua alma habituada, suplica:

Só mais três golos!

Só mais três golos... Penso.

E acrescenta logo de seguida:

Mas não vale fazer batota. Tens de defender bem.

OK! Digo, por mais não saber. E refugio-me no meu silêncio.
Volto para a minha baliza, devagar. Os pés pesam-me como chumbo.

Uma hora mais tarde ainda jogamos... Falta-me a coragem.

Os três golos transformaram-se em mais não sei quantos golos que ele vai contabilizando com orgulho.

Sei uns truques muito bons, não sei? Jogo muito bem, não jogo?

Digo que sim, por continuar a não saber o que dizer. Falta-me a coragem...

Então, quando a noite já nos impede verdadeiramente de ver a bola, oiço-o dizer com um ar demasiado adulto que me arrepiá:

Pai!? É melhor irmos para dentro. Amanhã tenho que me levantar cedo, para ir para a escola. E aconselha-me: Tem cuidado, não adormeças ao volante como das outras vezes.

Entramos... Abraça-me e enche-me de beijos, antes de correr para a televisão.

A Luísa está na cozinha a fumar um cigarro.

Tenho de ir. Digo. Ela levanta-se, roça os seus lábios nos meus, muito de fugida, e atira-me um seco “faz boa viagem, tem cuidado”. Não gosta de despedidas. Como eu a percebo... Uma rotina que se repete há quase quinze anos.

Agarro no saco e saio. Ainda a oiço a dizer:

Quando chegares telefona. Eu não atendo, deixa tocar três vezes.

Entro na carrinha. Acendo um charuto, com uma paciência herdada sabe-se lá de onde. Meto a chave na ignição. Ligo o leitor de CDs...

E ao som do *Road House Blues* dos Doors, faço-me à estrada...

Segunda-feira

São cinco horas e trinta minutos da tarde, mais ou menos. Acabo de entrar na autoestrada. Vou de Setúbal para Lisboa, depois de mais um dia na ESE.

Como sempre, venho cheio de ideias e de uma estranha certeza de que talvez tenha aprendido alguma coisa, embora não saiba propriamente o quê.

De qualquer forma, sempre me sinto mais cheio, nem que seja apenas por descobrir que existem mais pessoas como eu... Com tantas dúvidas. Sinto-me rico por ter dúvidas. Tenho que aproveitar enquanto tiver dúvidas.

É nesse preciso instante que me assalta uma terrível dúvida: será isso mesmo o que se pretende? Ou estarei errado? E começo a divagar sobre o assunto...

Mal dou pelo toque de grilo do telemóvel. Baixo os olhos e reparo que vou a cento e sessenta quilómetros hora, abrando, ao mesmo tempo que baixo o som do *Smoke on the Water* dos Deep Purple.

Tá? Ah, és tu meu *ganda* cão? Não. Vou agora a passar Almada, vou p'ra Lisboa. Como? Vais p'ra Mafra agora? Sim... Não, não tenho nada que fazer. Tenho tempo de passar na Av. de Roma para deixar umas coisas em casa? Não? Então tenho que as deixar na tua. Já sabes que tenho caixa aberta na carrinha e a Amadora é o que é. Tá bem? OK! Até já.

Mais ou menos meia hora depois, encontro-me instalado no banco do pendura do Toyota Mv... ou Mr... qualquer coisa, desportivo, do Nunes, escritor abjeccionista e *underground*, com mais de uma dezena de títulos editados (o que me marcou mais foi *A Liberdade não é a Tua*, editado pela &etc), com mestrado e doutoramento em Teoria da Literatura, professor do ensino recorrente

em Mafra, por opção. Por opção do recorrente e por opção em Mafra. Vamos a ouvir uma música qualquer intragável, uma coisa qualquer de uns tais Tiamat, mais próprio para adolescentes com problemas hormonais, mas que ele adora, apesar de ser bem mais velho do que eu. Um verdadeiro intelectual, filho dos subúrbios, que se fez a ele próprio. Ao contrário de mim, que nem sequer fui à tropa, passou as passas do Algarve e até chegou a ser Fuzileiro.

Como é que consegues ouvir isto? Há é?... Tá bem... Mas olha que vou chegar a Mafra com uma dor de cabeça do caraças. A ouvir coisas destas deverias era ir dar aulas aos putos... Ai, aos putos é que não? Então porquê? Já tens a tua dose? Á é? Estás farto de berrarias? Não és pai de ninguém...é? Tá bem, tá bem...

Não insisto... E vamos circulando pela estrada fora. Passamos Belas, Vale de Lobos... e por altura de Pêro Pinheiro deu-nos a fome. Parámos na cervejaria 'A Rampa'.

A cerveja era boa, os petiscos óptimos e as empregadas um espectáculo. Uma delas até era brasileira. Como se isso tivesse alguma importância.

A conversa desenrola-se sem pressas. Nunes pergunta-me como vão as coisas na escola. Falo-lhe do estágio, e das minhas dúvidas. Sorri. E volta a sorrir com um ar condescendente.

Que também já fora assim. Que isso me passaria com a idade. Que já se tinha preocupado quanto baste. Que já tinha lutado contra incontáveis Moinhos de Vento. Que já passara muitas noites sem dormir a pensar nos alunos. E para quê? Para ser proscrito entre os colegas? Para ter dores de cabeça com os encarregados de educação? Para ser olhado com desconfiança pelo Ministério? Não! Estava farto! Ninguém se rala! Ninguém quer saber! E agora... Agora que pode escolher, fica-se pelo recorrente. Não dão trabalho, escutam-nos com atenção... e mesmo que o objectivo não seja aprender, pelo menos estão mesmo interessados em fazer as unidades.

É o paraíso. Ou seja: A nossa classe é o que é, tramam-se uns aos outros. Ninguém quer saber dos alunos para nada. O Ministério muito menos. Não há vontade. Temos o que merecemos... e o país também.

Posto isto desta forma e com tanta certeza... mais vale calar-me e concentrar-me na brasileira e no seu sorriso, também condescendente, por detrás do balcão.

E, de repente, assaltou-me uma outra dúvida: Temos mesmo que ir até Mafra, ou é preferível ficar já por aqui?

É que o melhor é aproveitar as dúvidas, enquanto as tenho.

Terça-feira

Passei o Vale da Amoreira a uma velocidade controlada. Estava quase em cima do toque da primeira hora, ia chegar à “rectinha”. Agora ia já mais devagar, a percorrer a rua ladeada de mato que antecede a escola. A Escola do Mato, como é conhecida. Foi nesse preciso instante que, pelo canto do olho, descobri o Virgílio, sentado num tronco caído, com alguns colegas.

Virgílio é grande, quase da minha altura, apesar dos seus catorze anos apenas, e negro. Um negro brilhante e lustroso, quase um negro dourado. Os colegas são também negros, mas notoriamente mais velhos.

Ainda hesitei... Mas demorei apenas alguns segundos a tomar a decisão. Fiz pisca para a direita e meti-me com a carrinha a cortamato, por entre os tufos de giestas, carquejas e pequenas dunas de areia, encimadas por vegetação indefinida. Evito alguns troncos caídos, uma ou outra árvore e aproximo-me aos solavancos...

Tudo me veio, nesse momento, à memória...

O Virgílio a passear por entre as carteiras, em plena aula, e a intimidar, com o seu tamanho, os colegas mais pequenos, para que estes lhe executassem os trabalhos... A minha reacção... Que talvez não tenha sido a melhor... A discussão, o expulsar da aula, a sua recusa em sair, a promessa de sanções disciplinares...

E o mal que me senti depois. Principalmente o mal que me senti depois... Ou seja, a minha incapacidade para resolver a questão da melhor maneira. O Virgílio até é um aluno inteligente...

Não! Para bem dele e meu, tinha de resolver as coisas e já!

Enquanto me aproximava, ainda não sabia bem o que dizer, não tinha preparado nada, nem premeditado qualquer encontro. Seja o que Deus quiser...

Quando parei a carrinha, a surpresa espelhava-se-lhe no rosto. Abri a porta e saí. Nesse momento já todos se encontravam de pé, na defensiva.

O qu' é c' o sôtor daqui quer?

Bom dia, Virgílio, disse eu, olha, não é nada de grave, apenas gostava de te dar umas palavrinhas, pode ser? Não sei se te importas que seja à frente dos teus amigos...

‘Bora lá com isso, tenho mais que fazer, eles podem ouvir à vontade.

OK! Continuei tomado de uma inspiração súbita, eu vinha aqui apenas para te pedir desculpa...

Desculpa?... , a voz dele soava agora mais baixo e a surpresa enrugava-lhe a fronte.

Sabes como é..., continuei, ontem a vida tinha-me corrido mal, realmente as coisas não estavam bem... O que era não interessa, eram coisas minhas. Pronto. E apanhei-te ali à mão... Foste tu que levaste com tudo. Desculpa ter gritado contigo. Lá terias a tua culpa... Mas eu também não reagi da melhor maneira. Vinha só pedir desculpa por isso.

E estendi-lhe a mão... Hesitou, mas acabou por apertá-la enquanto dizia:

‘Tá bem, ‘tá bem... Mas ó sôtor, eu também me estava a portar mal, desculpe lá...

E um sorriso inundava-lhe a face. Sentei-me ali junto com eles, ainda um bocado, em cima de um tronco, em amena cavaqueira, tecendo piadas e comentários sobre tudo e sobre nada.

Ao voltar para a escola, fui pôr uma hora de “cento e dois”.

As conversas individuais com os alunos, ainda não são consideradas trabalho.

O Virgílio mudou, tenta fazer tudo sem grandes ondas e ainda põe na ordem algum colega mais espevitado. É um verdadeiro negro dourado. Talvez venha até a dar um bom líder.

Os meus colegas dizem que corri um grande risco, ao ir sozinho para o meio do mato.

Mas, cá no íntimo, eu sei e tenho a certeza de que o único grande risco que eu corro, é o de poder não ter a capacidade de conseguir corresponder às expectativas daquele aluno. E, talvez por não saber fazer melhor, voltar a perdê-lo... sem remédio.

Quarta-feira

Esta manhã acordei cedo. O quarto, mesmo com a quase escuridão que se fazia sentir, adivinhava-se um caos.

À medida que as recordações da noite anterior se iam organizando, por entre a dor de cabeça e o sabor acre que espreitava por entre os dentes, ia tomando consciência de que a vernissage, na Sociedade Nacional de Belas Artes, não tinha, de todo, sido pacífica. Na verdade não me lembrava de nada.

Precisei de uma certa dose de coragem para acender a luz. Realmente nem sabia quem estava deitado a meu lado. Seria homem ou mulher? Um arrepio percorreu-me a espinha. Ao mesmo tempo que sentia o pénis flácido e pegajoso.

Puxei os lençóis, devagar, a medo, e fitei aquela face bela e desgrenhada que dormia, aparentemente em paz com Deus e os homens.

Felizmente era uma mulher. Desta estava safo!

Animado por esta revelação e com a certeza de que ainda não tinha decaído demasiado, decidi-me a por os pés fora da cama.

Levantei-me... e, de imediato, tropecei em algo que me fez cair e rolar como um eterno boneco de trapos. Arrastei comigo o candeeiro da mesinha de cabeceira e mergulhei novamente na mesma quase escuridão inicial.

Por momentos tive receio de a acordar, mas apenas resmungou, deu uma volta na cama e a respiração pesada voltou ao seu ritmo monótono e relaxante.

Suspirei de alívio. Afinal nem sequer sabia quem era. Nem tinha nenhuma curiosidade especial nisso. Era bonita. O que talvez tivesse sido um bom começo. O que não quer dizer nada.

Deixei-me ficar sentado no chão durante uns minutos a olhar em frente, a tentar recordar alguma coisa... e cheguei à conclusão de

que além de nada ver no momento, nada deveria ter visto anteriormente.

Então, uma dúvida assaltou-me. Passei a mão pelos testículos, algo pegava, e ergui-a até perto da face. Cheirei. O odor inebriante a vulva tomou conta de mim. Afinal não havia qualquer dúvida, muita coisa acontecera. Fechei os olhos e chupei os dedos um a um, devagar... Soube-me realmente bem.

Mas, como estava na hora, decidi ir tomar um duche. Que isto de ser professor e ter de conduzir quarenta quilómetros até à escola, tem que se lhe diga. O que também não quer dizer nada.

Com a outra mão afastei a garrafa de Gin em que tinha tropeçado.

E enquanto me dirigia aos tropeções, em direcção à casa de banho, já ia a engendrar a melhor maneira de me livrar daquela presença insidiosa na minha cama.

Ela até era bonita.

Só me doía esta sua falta na minha memória.

...

Mais tarde, já na escola, ao entrar na sala de professores de óculos escuros, a esconderem as olheiras evidentes, fui acolhido com sorrisos irónicos e perguntas insinuantes.

O que é que pensam? respondi, apenas estive ontem, até tarde, a acabar um trabalho para o estágio!...

Quinta-feira

A conversa começou como de costume.

Esta noite não. Que não se sentia nada bem, que estava muito cansado, que amanhã tinha de ir trabalhar cedo... mas, por outro lado, como é Quinta-feira tinha mesmo de sair. Que é uma noite para profissionais, em que se sai, não porque apeteça, mas por uma questão de princípio.

E eu lá fui indo na conversa, como sempre. Este João Miguel... Depois de me dizer que não queria sair, era sempre o maior entusiasta. E, como sempre, dirigimo-nos ao Artis, no Bairro Alto, onde a Paula nos serviu de imediato. Não fosse ele amigo da casa desde longos anos.

Como não bebe, contentou-se com uma Sagres Zero, acompanhada pela famosa tosta mista, e eu, como de costume, com um tinto Quinta do Cabriz acompanhado com conversa, muita conversa.

A noite estava quase perfeita: nós ao balcão, a excelente conversa da Paula e um suave *jazz* de fundo, penso que era o grupo brasileiro “Comboio”.

E ali estávamos nós, sossegadinhos, a cumprir um ritual mais velho do que os séculos, com a calma e a segurança de quem realmente acredita que as coisas são imutáveis, quando a noite se virou abruptamente de pernas para o ar.

Ela entrou a correr, dirigiu-se até ao fundo da sala, entrou na cozinha e fechou a porta com estrondo. Mal a conseguimos ver, tal foi o espanto e a surpresa, mas ainda vislumbrámos um corpo elegante e esguio que distribuía cabelos longos pela sala.

Depois do primeiro instante e de passar o ar aparvalhado com que ficámos, a Paula seguiu no encalço da desconhecida e tentou abrir

a porta da cozinha, sem sucesso. Lá de dentro apenas se ouviu um grito: *Não me lixem! Não me lixem!*

Os clientes do bar assistiam em silêncio a esta cena insólita. Alguns, vendo que poderia haver confusão, saíram, enquanto outros espicaçados pela curiosidade ficaram, pedindo mais uma rodada.

Nós, muito a contra gosto, fomos dar uma ajuda à Paula.

Tentámos ser razoáveis... *Não me lixem!*

Tentámos ser violentos... *Não me lixem!*

Tentámos ser meigos e compreensíveis... *Não me lixem!*

Tentámos de tudo... *Não me lixem!*

Ela não abria a porta e pronto.

Fomos, então, conferenciar para o balcão... felizmente ainda há *Quinta do Cabriz* no bar, pensei.

Estava quase a sair, para ir buscar a PSP que anda sempre ali por perto na ronda, quando, quase a medo, a porta da cozinha se abriu devagar, muito devagar.

Ela saiu altiva, desgrenhada e bela. Nós ficámos embasbacados. A Paula disse *porra!*

Fez-se novamente silêncio na sala.

Dirigiu-se ao balcão, com uma lentidão estudada, ignorando o espanto dos clientes e com um luminoso sorriso no rosto.

Pediu muito delicadamente desculpa, enquanto, num gesto perdido, fingia uma tentativa vã de se compor.

E, antes que alguém conseguisse sair daquele torpor meio estúpido em que nos encontrávamos, virou-se para nós e disse:

Se quiserem podem vir comigo.

E nós fomos!

Afinal era Quinta-feira, dia de profissionais.

Ainda não voltámos...

Sexta-feira

Ó sôtor... Eu gosto mesmo de ler. Mas aqui na biblioteca não há nada de jeito. Leio de tudo. Mas... Tem de ter alguma coisa que... O sôtor entende?

É claro que eu entendo, penso. Mas como estamos na aula de ET, acabo por dizer:

Ó Sara, esta não é a melhor altura para estar a discutir a biblioteca, e se acabasses o teu trabalho?

Mas a Sara não desarma, era aquela a altura e pronto! Nada a fazer.

Ó sôtor, eu até já fui a outras bibliotecas, mas os nomes dos livros não me dizem nada. Alguns têm cada capa que até tenho medo de lhes mexer... Como é que devo fazer?

Boa pergunta, volto a pensar. E lembro-me, também, de uma frase do Almada Negreiros: *“Entre numa livraria. Pus-me a contar os livros que há para ler e os anos que terei de vida. Não chegam, não duro nem para metade da livraria. Deve haver outras maneiras de se salvar uma pessoa, senão estou perdido.”*

Acabo por arriscar...

Olha, vou fazer o seguinte, para a próxima aula trago um livro e vou emprestar-to, pode ser?

Os seus olhos sorriem abertamente, e pergunta-me, enquanto se debruça sobre o trabalho, nitidamente com mais vontade.

Ó sôtor, é um livro sobre o quê?

É surpresa, respondo sorrindo e encerrando a conversa.

Vai ser surpresa até para mim, bonita bota arranjei para descalçar...

A Sara é uma mulata linda de catorze anos, o cabelo apanhado em tranças à moda africana e um corpo que faz inveja a muita mulher feita. E, apesar de já ter um amigo que a vem buscar num Audi TT,

continua a ter um sorriso inocente, adornado de uns olhos cheios de uma curiosidade infinita. Ou seja: ainda continua, e ainda bem, a ser uma criança. Uma bonita criança feita mulher.

Chego a casa e percorro com os olhos a pequena biblioteca que mantenho em Lisboa. Continuava ainda sem ideia alguma sobre o livro. Tudo o que via, ou era demasiado pesado, ou demasiado vanguardista e libertino para a sua idade. Realmente não conseguia ter nenhuma ideia.

Foi quando me lembrei da casa de banho pequena, onde me costumo esconder quando tenho visitas em casa. Além de uma pequena caixa de charutos, estão para lá “perdidos” e empilhados muitos livros, alguns há anos... Companheiros de horas de alívio.

E foi precisamente lá que encontrei o precioso livro. Uma versão original, que me trouxeram do Brasil, há mais de vinte anos: *Capitães da Areia* de Jorge Amado.

Agora, sinto-me de certa forma orgulhoso quando ela exclama, ao entrar na aula:

Sôtor, o livro está a ser um espectáculo. Quando acabar arranja-me outro!?

E tudo isto parece perfeito.

No entanto, ao conversar sobre este episódio, com um amigo, professor de outra escola, tive como único comentário:

Tu queres é comê-la!

Sábado

Era quase uma da tarde. Estávamos atrasados. O Quimanel, meu irmão, que se dedicou à construção civil e que, ao contrário dos professores, já se pode dar a alguns luxos, carregou na manete da velocidade e o Crownline levantou ligeiramente a proa, para depois estabilizar, com toda a potência dos seus 230 cavalos, a cinquenta e seis milhas marítimas, sulcando, quase silenciosamente, a água calma da albufeira de Castelo de Bode.

Eu e o Catarino estávamos sentados à popa, bebericando umas cervejas, quando o Cobalto do Serrador nos ultrapassou, talvez devido a mais uma manada de cavalos, algures dentro do motor, comentámos e rimos com gosto.

Estávamos atrasados e ríamos... Fomos à Ilha do Lombo beber umas cervejas e esquecemo-nos completamente das mulheres, filhos e afins.

Estavam perdidos algures, numa das inúmeras ilhotas da albufeira, lá para os lados do Trízio, muito para lá de Vila de Rei.

Quiseram lá ficar, a curtir o sol e a água que ainda se encontra meio quente.

Mas o Verão de S. Martinho tem destas coisas, agora o tempo ameaçava chuva, e nós ainda tão longe. Iam dizer-nos das boas.

Quando chegámos à ilha, já lá estavam o Serrador e o Nino que, como foram os primeiros a chegar, levaram com quase tudo em cima. Nós apenas levamos um *Francamente!*..., dito com alguma irritação que a pouco e pouco se transformava em divertimento.

Os putos, o Zé, meu filho, e os primos, uma catréfada deles, estavam radiantes. Ainda mais agora que começava a chover.

Foi um ver se te avias: tudo à balda dentro dos barcos, cachopos ao monte, muita perna misturada, *vejam lá, não esqueçam*

ninguém!... e foi acelerar novamente em direcção à doca do Vale Reposa, agora mais devagar que vão aqui os miúdos...

Quando chegámos, o mestre Augusto já nos esperava na jangada para fazer o transbordo. Alguém telefonara de um dos barcos.

Chovia cada vez mais. Foi uma correria desenfreada até aos carros...

E agora...

Agora a lareira da cabana está acesa. Todos tomámos o respectivo duche quente. As crianças, já almoçadas e quase lanchadas, brincam em cima da carpete, ou sentam-se pelos cantos a jogar *Game-Boy*. Nós estamos à mesa. Ele são enchidos, queijos, presunto, pão caseiro e um excelente tinto *Duas Quintas de 95*.

Lá fora, a chuva está cada vez mais forte, é quase como se fosse noite.

O Nino vai buscar a viola e o Catarino a guitarra. A pouco e pouco faz-se silêncio. Até os miúdos se sentam atentos.

Levanto-me e aproximo-me, com um copo de tinto na mão, da cadeira grande ao pé da lareira. Sento-me. Poiso o copo no chão. Acendo um charuto. O Zé vem encostar-se às minhas pernas, com ternura.

Só se ouvem a chuva, lá fora, e o crepitar confortável do lume, na lareira. A guitarra começa a gemer baixinho, acompanhada pela viola. O Nino fecha os olhos e começa a cantar, quase que chora, *Tinha um cavalo russo, / a que chamava Gingão...*

Foi quando caí em mim... Tudo aquilo me parecia um anúncio, muito *Kitch*, muito fora da minha realidade diária, como professor, coisas de gente despreocupada com a vida e com o resto...

Um nó começa, então, a desenvolver-se dentro do meu peito.

Mas, num gesto de coragem, tomo um golo de tinto e dou uma baforada no charuto.

Não! Era o que faltava. Não tenho que me sentir culpado. Mas que Diabo! Até quase me estou a habituar a viver apenas um dia por semana. Ora, que se lixe. A vida também pode ser quase perfeita... Nem que seja só por alguns momentos.

Sorrio. E deixo-me embalar, suavemente, nesta doce ilusão...

Foi um toiro que o matou / num dia de infelicidade. / E eu nunca mais montei, / nem sei se o farei, / tal é a saudade.

Supredi, o oitavo dia da semana

Sábado à noite, como toda a gente sabe, é a noite de todos os perigos. O ritual começa com a saída de Lisboa com destino a Tomar, na tarde de Sexta-feira, depois das aulas. Vou invariavelmente de comboio e acabo por fazer grande parte da viagem a ler ou a dormir. Janto com a família, vejo um filme e acordo com a azáfama de Sábado de manhã: correrias para o mercado, algumas compras de última hora e o almoço, sempre pouco pacífico devido ao desencontro de horários entre mim e o resto da família. Verdade se diga que quem tem uma profissão como a minha, em que andamos a toque de campainhas e sempre a correr por causa das horas, tem sempre a tendência de, ao fim de semana, detestar qualquer tipo de obrigações temporais.

A tarde, como é óbvio, é descanso puro com actividades mais ou menos lúdicas, mais ou menos preguiçosas.

É então, à noite, depois de jantar que tudo se complica. Geralmente costumo estar a lavar os dentes quando toca o telemóvel. Não preciso de atender para saber que é o Nuno Madeira, meu colega de profissão, embora do Ensino Superior Politécnico, companheiro de aventuras e amigo de muitas guerras.

Atendo... pois.

Estava, como sempre à espera da inevitável chamada.

Mal entro no carro, mostra o PDA e diz: o Juca acaba de me enviar uma mensagem a dizer que há Loiras na Costa.

E pronto, o ritual repete-se todas as semanas, rumamos ao Bar do Juca, o Casa Blanca, para beber o *Famouse Grouse* do costume. Mas as loiras nesse dia eram muito morenas, o que o deixou deveras amuado.

Às cinco para a meia-noite saímos do bar e começámos a percorrer as ruas estreitas e antigas da cidade velha. Nessa noite estavam completamente desertas. Rua após rua, nada de nada.

Mas nós sabíamos que tínhamos que cumprir o ritual: andar pelas ruas até que algo acontecesse. E assim foi...

Numa das transversais da rua do Cine-Teatro descobrimos, ao longe, duas loiras que se afastavam a um ritmo lento e pausado. Olhámos um para o outro e não hesitámos um segundo. Desatámos a correr desalmadamente atrás das Loiras, como se a nossa vida disso dependesse.

No entanto, por mais que corrêsemos, a distância entre nós e as loiras mantinha-se sempre igual, apesar de não terem alterado o ritmo do seu andamento.

Corremos, corremos e voltámos a correr e as loiras sempre ao longe...

Estávamos cansados e quase a desistir, quando elas se voltaram com um sorriso divertido no rosto, pararam e fizeram um sinal inequívoco para nos aproximarmos.

Então, possuídos por uma força desconhecida que nasceu da nossa falta de fôlego, iniciámos um derradeiro arranque numa corrida verdadeiramente estonteante.

Quando demos por isso, já era tarde de mais... Embatemos com uma violência extrema contra a parede da Mata dos Sete Montes que “ainda agora” ali não estava.

Loiras?... Nem vê-las. Nem o mínimo sinal delas.

Levantámo-nos a custo e constatámos que nenhum de nós estava magoado. Olhámos então em volta, meio atordoados, e quase gritámos de incredibilidade. Estávamos dentro da Mata dos Sete Montes. Por um qualquer prodígio tínhamos atravessado a parede, à qual encostámos imediatamente as mãos para nos certificarmos da sua solidez. Era uma parede “à séria”. Dura... de pedra! Como só as paredes.

Voltámo-nos lentamente, inquietos, à procura de uma resposta.

Ainda não sabíamos, mas acabávamos de entrar no oitavo dia da semana.

Como viríamos a descobrir mais tarde, entre o Sábado (*sabbatu – descanso semanal*) e o Domingo (*dominicu – dia do Senhor*) existe o Supredi (*supremusdies – último dia*).

Demos os primeiros passos de uma forma hesitante, quase a medo, com todos os sentidos em alerta máximo.

Começámos, então, por ouvir um burburinho, vindo algures do meio da mata. Já que ali estávamos, embora sem saber como, resolvemos ir ver o que se passava.

Do lado direito descortinámos um caminho que tomámos, a medo e meio às apalpadelas, tentando seguir as indicações dos nossos ouvidos, passo a passo, metro a metro. Um ou dois quilómetros à frente, começámos a notar uma luz fraca a adivinhar-se na escuridão envolvente e que, pouco a pouco, se começou a transformar numa luminosidade forte e incidente.

O caminho estava agora bem iluminado e, surpresa das surpresas, cheio de gente. Parámos, por momentos, mas acabámos por continuar.

Afinal ali estavam elas, as loiras de há bocado. Mas não, não eram apenas as loiras que acabávamos de perder, era sim, uma fila interminável de loiras a perder-se na curva do caminho, lá ao longe.

Como é óbvio, falavam de uma forma absorvente, umas com as outras, não nos ligando absolutamente nada.

Nós continuámos ao longo das loiras, passando ao lado, avançando naquela loucura nocturna de loiras atrás de loiras.

Acabámos, assim, por chegar à Charolinha, aquela construção quinhentista estranhamente plantada no meio de um tanque redondo, cheio de água, onde, entre os arcos e as colunas, se contorcia, ao som de *patabum patabum* de música *tecno*, a Loira das loiras. Alta, com corpo farto e a condizer, meneava as ancas, fazendo inveja a qualquer

dançarina de ventre que já tivéssemos visto nas nossas andanças pelas arábias, deixando pressupor uma rave algures, no meio daquele ambiente tonto e surreal. Ainda não sabíamos era onde...

Acontece que ao lado da Charolinha existe uma gruta com duas entradas, pensava eu que pequena, onde as crianças costumam brincar nas tardes de Domingo. Era para ali, precisamente, que as loiras entravam na sua fila insana.

Como de costume, à entrada, estava um negro, grande como as portas. E como de costume, levantou um braço e acenou-nos para nos aproximarmos.

Da boa sorte não nos devemos questionar, sussurrou entre dentes o Nuno, enquanto éramos cumprimentados e mandados entrar, como de costume, friso mais uma vez, à frente de toda a gente.

As loiras ficaram lixadas.

E afinal as grutas têm destas coisas, nunca são o que parecem...

À luz do dia são uma coisa e à luz da noite são outra, pois era da luz da noite que se tratava.

Pelos vistos o Supredi não estava a correr nada mal.

Entrámos e fomos de imediato assolados por um som ensurdecedor que fazia tremer as paredes de pedra. Um mar de loiras dançava ao ritmo dos tambores eléctricos de uma forma completamente descontrolada, aos saltos, entrechocando-se sensual e violentamente. Do tecto, onde estavam fixados centenas de chuveiros, caía água em catadupas, encharcando-as e emprestando à cena um certo ar dantesco e mirabolante.

Nós ficámos ali especados, mal acreditando nos nossos olhos e sem saber, realmente, que atitude tomar. Nem sequer conseguíamos falar um com o outro, quer pelo som ensurdecedor quer pelo estado estupidificado em que nos encontrávamos.

A imobilidade que tínhamos adoptado, até nova solução, foi repentinamente quebrada por uma visão imprevisível e, de certa forma, assustadora: o Juca estava no bar a dar ordens!

Julgo que nos descobrimos ao mesmo tempo. Ao cruzar o seu olhar com o nosso, reconhecemos nitidamente o ar assustado com que ficou. De imediato, saltou por cima do balcão, e desatou a fugir por entre as loiras em direcção ao fundo da imensa gruta, onde se notava um corredor que deveria levar aos WCs. Nós, após o primeiro momento de surpresa, iniciámos uma perseguição sem tréguas, por entre as loiras, a música tecno e a água, verdadeiro duche, que nos deixava completamente encharcados.

É claro que as loiras não ajudavam nada, antes pelo contrário, agarravam-nos pelo pescoço, pela boca, pelos braços, pelas pernas e até por outros membros que não vêm agora ao caso. A coisa não estava nada fácil... e quase estivemos para desistir. Mas, em nome da verdade, da honra e da pátria, lá continuámos na nossa missão: perseguir o Juca, nem que fosse até ao fim do mundo, neste caso até ao fim da gruta.

Depois de uma correria vertiginosa, cheia de percalços e contratempos, conseguimos chegar ao início do tal corredor que havíamos notado ao longe. Parámos. Ali já não havia luz. A escuridão era cerrada e envolvente.

Entreolhámo-nos e, depois de um mútuo aceno afirmativo com a cabeça, reiniciámos a perseguição, agora mais devagar e às apaladelas. Momentos mais tarde, deixámos de ouvir a música que vinha da *rave*, mesmo a tempo de ouvir o som de uma porta a bater ao fundo.

Nessa altura, ao mesmo tempo que apressámos os passos, tivemos a nítida sensação de que o Supredi estava a chegar ao fim e que, se voltássemos para trás, iríamos apenas encontrar um corredor vazio e sem saída. Continuámos pois.

Não demorámos muito a encontrar a porta. Como nada já existia para trás, só nos restava uma hipótese: abrir a porta.

Foi o que fizemos.

Desta vez foi sem surpresa que desembocámos no corredor dos WCs do Casa Blanca. Entrámos e fechámos a porta.

O Supredi tinha acabado. Voltámos ainda a abrir a porta, por descargo de consciência, mas, como era de esperar, apenas dava para os serviços de apoio à cozinha.

Dirigimo-nos ao balcão, atordoados de todo, e pedimos o fatal *Famousse Grouse*.

Foi sem espanto que apareceu imediatamente o Juca a “mandar vir”. *Que éramos sempre a mesma coisa, agora entrávamos todos encharcados, a molhar tudo, etc, etc, etc...*

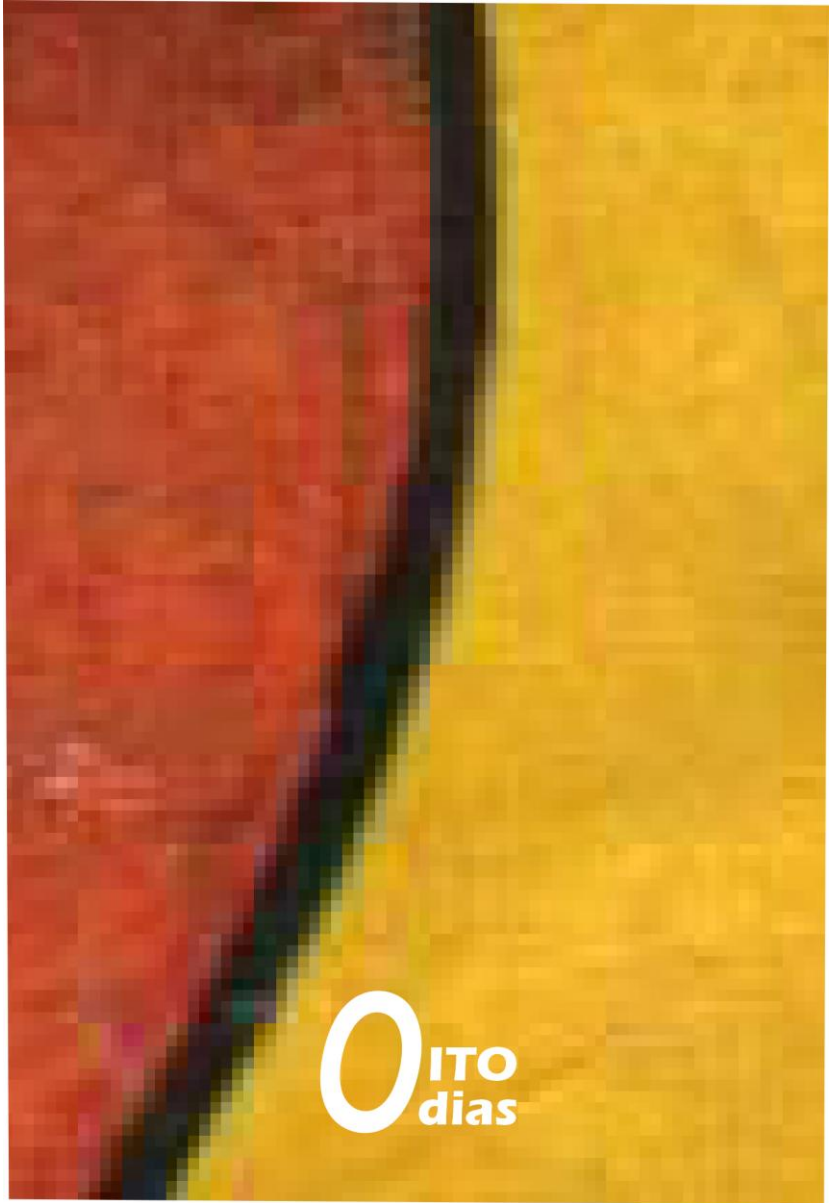
Quanto ao que se passara na gruta, nem uma explicação. Era como se nada se tivesse passado.

E nós, embasbacados, nem conseguíamos responder.

Ainda nos passou pela cabeça que fosse um qualquer esquema macabro para fugir aos impostos. Mas não. Decididamente não.

A partir daí, sempre que o Juca fala, seja de estudos de mercado sobre o consumo de amendoins e pinhões ou sobre loiras na costa, nunca mais duvidámos.

Nem quando as loiras acabam por se revelar do mais moreno que há.



OITO
dias